

REFLEXÕES SOBRE O CORPO COMO MODO DE SER-NO-MUNDO

(2006)

Evânea Joana Scopel

Psicóloga e Mestranda em Psicologia
pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (Brasil)

Carolina Bartilotti

Psicóloga Especialista em Avaliação Psicológica e
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC (Brasil)

Pesquisadoras do Laboratório de Psicologia do Trabalho e Ergonomia (PSITRAB)
e do Núcleo de Avaliação e Perícia em Psicologia (NUP),
da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Brasil

Contactos:

evanea@terra.com.br

RESUMO

Encontrar uma definição de corpo para o homem sempre foi uma tarefa difícil, pois a percepção desta estrutura varia relativa e dependentemente de alguns fatores culturais, religiosos e educacionais (SILVA, 1998). Durante muitos anos a teoria dualista “mente-corpo” de Descartes via o homem através de uma concepção de corpo dicotomizado e mecânico, como um ser constituído por partes e não como uma unidade (ARANHA e MARTINS, 1986; SANTIM, 1987). Segundo Merleau-Ponty (1994), essa posição norteou as investigações científicas até a ascensão de outras concepções como a fenomenologia, que concebe o homem na integralidade corpo/mente. Porém, independente da abordagem utilizada, o corpo tem sido estudado e analisado por diversas culturas, desde uma concepção cartesiana mecanicista (SILVA, 1998) até sob o ponto de vista global e integrado (KUNZ, 1994).

Palavras-chave: Corpo, dualismo corpo-mente

Encontrar uma definição de corpo para o homem sempre foi uma tarefa difícil, pois a percepção desta estrutura varia relativa e dependentemente de alguns fatores culturais, religiosos e educacionais (SILVA, 1998). Durante muitos anos a teoria dualista “mente-corpo” de Descartes via o homem através de uma concepção de corpo dicotomizado e mecânico, como um ser constituído por partes e não como uma unidade (ARANHA e MARTINS, 1986; SANTIM, 1987). Segundo Merleau-Ponty (1994), essa posição norteou as investigações científicas até a ascensão de outras concepções como a fenomenologia, que concebe o homem na integralidade corpo/mente. Porém, independente da abordagem utilizada, o corpo tem sido estudado e analisado por diversas culturas, desde uma concepção cartesiana mecanicista (SILVA, 1998) até sob o ponto de vista global e integrado (KUNZ, 1994).

Na verdade, não só a definição de corpo como também os fatores que colaboram para a saúde deste, são assuntos que há muito tempo vêm sendo discutidos e influenciados pelas correntes filosóficas de diferentes épocas. Hipócrates IV a.C. enfatizava o estudo da saúde do homem como uma unidade total integrada, relacionada ao meio ambiente. Portanto, qualquer disfunção interna ou externa poderia estar relacionada à causa de doenças (CHAITOW, 1982).

Atualmente, a concepção de corpo como unidade integrada, já vem sendo discutida por alguns profissionais da educação física (ANDRADE, 2001; TREBELS, 2000). No entanto, segundo Rebelatto e Botomé (1999) os objetivos dos profissionais da saúde ainda não demonstram clareza quanto ao tratamento, pois a doença é o objeto que mais recebe atenção e a totalidade do indivíduo é negligenciada.

Para Lederman (2001), a saúde e o bem-estar estão associados às sensações do corpo de forma global, seja de origem física ou psicológica unificando o corpo e a mente como uma única estrutura. Assim, faz sentido dizer que alterações no equilíbrio mental podem refletir no âmbito físico e a recíproca se faz verdadeira.

De acordo com Benson e Stark (1998), o aspecto psicológico do indivíduo pode influenciar tanto no surgimento quanto colaborar para recuperação de doenças e, ainda ser um agravante de disfunções previamente estabelecidas por outros fatores (CHAITOW, 2002).

Partindo do princípio de que a fisioterapia é uma área da saúde que trabalha com reabilitação motora, resgatando ou mantendo as funções do indivíduo, a concepção de corpo utilizada por esses profissionais refletirá na forma de seu tratamento. Por isso, para Vila et al (2002), tornar efetiva a assistência ao indivíduo doente, considerando-o como um ser biopsicossocial, é uma medida que visa, sobretudo a humanização do tratamento do paciente.

A fenomenologia dispõe um conceito mais integral sobre corpo e mente e esse conceito deve também fazer parte da filosofia da Fisioterapia, onde o ambiente físico, os recursos materiais e tecnológicos são importantes, porém não mais significativos que as características do ser humano em sua totalidade. Segundo Novaes (1975) todo processo reabilitador pressupõe uma dinâmica de interação entre profissional da saúde e o paciente, que poderá condicionar uma situação

favorável ou não ao tratamento: “o paciente considerado como pessoa humana, e não simplesmente como um doente portador desta ou daquela enfermidade, reagirá mais motivado e sua participação será mais positiva” (p.10).

O corpo enquanto fenômeno tem sido estudado e discutido desde as civilizações antigas. Aristóteles via o movimento como um comportamento intencional do agente, enquanto Galileu, influenciado pelo empirismo, entendia o movimento como uma ação de causalidade, na qual o comportamento humano é visto como uma consequência de determinadas causas (TREBELS, 2000). Sob o ponto de vista dos estudos da física, faz sentido a análise da velocidade e direcionamento do movimento de uma “pedra”, porém, numa perspectiva mais humanista, essa definição não faz sentido algum pois analisa somente o atributo mecânico do movimento define o movimento humano como simples deslocamentos de membros em um determinado tempo e espaço sem intencionalidade ou que ocorrem por condições já pré-estabelecidas (TREBELS,2003).

Descontentes com esta análise apenas funcional e biomecânica, autores como Trebels (2000) e Tamboer (1985) realizaram estudos filosóficos, com ênfase na fenomenologia, e concluíram primeiramente que deve-se considerar 3 importantes dimensões: o ator que é o sujeito das ações do movimento; a situação concreta na qual as ações do movimento estão vinculadas e o significado que orienta as ações do movimento.

Através da análise das concepções de corpo, Tamboer (1985) desenvolveu a concepção de “corpo substancial e relacional”, sendo que a primeira interpreta o movimento como deslocamento no espaço de uma estrutura física ou de partes dessa, considerando que o corpo pode ser entendido como uma entidade isolada do seu contexto. Desta maneira, o corpo substancial incorpora o conceito de movimento causal- empírico (CANFIELD,2000).

Por outro lado, a concepção de corpo relacional defendida por Tamboer (1985), define o movimento humano como uma conduta teleológica, ou seja, como um comportamento intencional do agente. Esta visão afirma que há uma relacionalidade corporal. Para este autor, o significado de uma ação não pode ser explicado por uma estreita visão de mundo físico isolado, pois o significado é dado pelo contexto da ação onde o movimento é uma parte. Desta maneira, de acordo com Trebels (2000), a concepção de corpo relacional se apóia em preceitos da fenomenologia como a unidade primordial Homem-Mundo e a convicção de que a corporeidade é o “nosso modo de ser-no-mundo”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. Ocorrência e controle subjetivo do stress na percepção de bancários ativos e sedentários; a importância do sujeito na relação “atividade física e saúde”. 2001. 279f. Tese (**Doutorado em Engenharia de Produção**) – Centro de Ciências Tecnológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.

BENSON, H.; STARK, M. **Medicina Espiritual** – o poder essencial da cura. 11^a ed. São Paulo: Campus, 1998.

CANFIELD, J. T. Aprendizagem de habilidades motoras II: o que muda com a prática? **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, Suplemento 3, p.72-78, 2000.

CHAITOW, L. **Síndrome da Fibromialgia** – um guia para o tratamento. São Paulo: Manole, 2002.

CHAITOW, L.. **Osteopatia**: manipulação e estrutura do corpo. São Paulo: Summus, 1982.

KUNZ, L. **Transformação didático – pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LEDERMAN, E. **Fundamentos da Terapia Manual**. São Paulo: Manole, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NOVAES, M. H.. **Psicologia Aplicada à Reabilitação**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

REBELATTO, J. R.; BOTOMÉ, S. P.. **Fisioterapia no Brasil**. São Paulo: Manole, 1999.

SANTIM, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Unijuí, 1987.

SILVA, J. L. B. A concepção de corpo dos acadêmicos de educação física da Universidade Federal de Santa Maria. **Revista Kinesis**. Santa Maria, n.19, p.85 – 103, 1998.

TAMBOER, J. W. Y. **Mensbeelden achter bewegingsbeelden**. Kinantropologische analyses vanuit het perspectiv van de lichamelijke opvoeding. Haarlem, 1985.

TREBELS, A. H. Plaidoyer para um diálogo entre teorias do movimento humano e teorias do movimento no esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v 13, n. 3, p.338-344, 2000.

TREBELS, A. H. Uma concepção dialógica e uma teoria do movimento humano. **Perspectiva**. Florianópolis, n.01, v.21, p.249-267, Jan./Jun. 2003.

VILA, V. S. C. et al. O significado cultural do cuidado humanizado em unidade de terapia intensiva: “muito falado e pouco vivido”. **Rev. Latino-am Enfermagem**, 10 (2), 137-144,